

**“Desenhos Para Pessoa”**  
**Fernando Hilário**

**Excertos do texto da apresentação do livro**  
**Biblioteca Municipal de Ponte de Lima, 19 de fevereiro, 2016**

[...]

Na sua definição mais simples, mas também mais substancial, o livro ganha corpo e essência nos textos que o compõem e nos desenhos que lhes fazem companhia. À exceção de uma carta que Mário de Sá Carneiro enviou de Paris ao seu amigo poeta, anunciando-lhe a intenção de se suicidar, todos os textos são da autoria de Fernando Pessoa, ele mesmo, o ortónimo, e dos heterónimos. E, à exceção das caricaturas de Camões, Almada Negreiros e Sá-Carneiro, todos os desenhos insertos no livro são alusivos a Fernando Pessoa.

Foi intenção minha que o livro se constitui-se num corpo presencialmente pessoano, consubstanciado pela expressão da sua voz original e que eu soubesse encontrar na forma dos desenhos uma identidade consentânea. Entendi, por isso, dar aos desenhos uma fisionomia simples, a traço solto, para que não sobressaíssem, antes estabelecessem, por uma qualquer expressão, por mais ténue ou singela que fosse, relações de paridade e de harmonia, ou seja, que se casassem bem com o conteúdo dos textos, de modo a criar-se um todo homogéneo. Nesta relação dos desenhos com os textos conjugam-se também as cores e a gestão do espaço. A escolha das cores privilegiou, sobretudo, a simbólica que lhe está subjacente, no sentido de estabelecer com o teor dos textos uma condição de irmandade e, em alguns casos, uma complementaridade. Relativamente à distribuição espacial dos textos, dos desenhos e das cores (no caso em que estas estão presentes), procurei que o concurso desses elementos gerasse confluências harmonizadas, como uma espécie de um entendimento de boas relações. Os destaques de frases ou palavras, através de bold, sublinhados, tamanho variável do tipo de letra, fragmentações, aglutinações, deslocações, utilização de cores diversas, etc., inscrevem-se em propósitos de evidenciar ou enfatizar semânticas que emergem aqui e ali ou se apresentam coesas, consignadas no sentido dos textos. O intuito foi o de patentear a forma que melhor se adequasse à ideia, não a desvirtuasse, mas sim lhe servisse como roupa conveniente.

A opção em omitir os títulos e as autorias prende-se com razões de estética. Por um lado, exclui-se uma marca de registo tradicional, ao mesmo tempo que se liberta espaço para o exercício de outras expressões. Todavia, quando optei por manter os títulos e outras referências biobibliográficas, foi no entendimento de que a opção se traduziria em oportunidade e adequação, ou seja, que servia não só ao conteúdo do texto, como também tinha um interesse estético. Liga-se a estes aspetos uma intenção didático-pedagógica, de feição de descoberta lúdica, que quis imprimir ao livro, a qual, creio, também lhe confere características de livro para públicos diversos, do pessoano, ao simpaticante, do curioso, ao estudante. Intencionalmente colocadas em final de livro, **As notas e referências bibliográficas** permitem confirmar, esclarecer ou aprender, pelo que a eventual pertinência de especificar um público-alvo, parece-me não se colocar, pelo menos em termos de excessivo rigor.

O texto da capa promove ou acentua a ideia de que os textos são os objetos privilegiados do livro, ou que as outras estéticas vivem em função deles, motivadas por eles, espiritualizadas por eles, e estão lá em relações de convivência ou de conivência. A escolha desse texto (uma frase de Pessoa dita à namorada Ofélia), conduz-nos à estética do fingimento e do desdobramento do eu pessoano, uma das pedras de toque da sua obra literária e da razão de causa-consequência no devir da sua vida real. Ou, se se preferir, do homem que abdicou da vida comum para viver poeta na companhia dos outros eus poetas, em condição superada e exclusiva da poesia.

Ultrapassadas as páginas iniciais, o livro propriamente dito abre com uma breve referência ao nascimento e morte do poeta e depois sugere através de um desenho o legado que ele deixou ao mundo.

É esse legado que se apresenta no livro, o universo das áreas literárias, poéticas, estéticas, sociais, políticas, culturais, históricas, filosóficas, religiosas, espirituais, das ciências das linguagens e da comunicação, da filologia, do simbólico, do transcendentalismo, do ocultismo, da astrologia, da psicologia, do existencialismo, do psiquismo, do misticismo, do secretismo, do orientalismo, do espiritismo, da sexualidade, enfim um universo de ideias grafadas numa imensidão de palavras, obra incomensurável de um percurso de uma vida curta de 43 anos. Naturalmente que o que se pode apresentar num livro de 270 páginas é apenas aquilo me pareceu ser mais significativo ou mais ilustrativo do percurso da vida e da obra do poeta singular, que foi plural a todos os títulos. Mas porque se trata de uma escolha pessoal, a minha, é possível que haja leitores desagradados por não encontrarem o texto tal ou o poema da sua eleição. Pela parte que me toca, gostaria que o livro tivesse pelo menos mil páginas. E seria um prazer enorme desenhar mil Pessosas, como enorme seria o prazer de não ter que excluir nenhum texto.

Organizado em **7 partes** distintas, mas complementares ou devedoras entre si; ou seja, sem arrumações estanques disto ou daquilo, o livro vai-se descobrindo vendo e lendo, sem a rigidez de guiões ou roteiros de viagem, sendo que estas são as aventuras que melhor se alojam na memória e, por isso, é mais difícil perdê-las da memória. Cada uma das partes é introduzida por textos do ortónimo ou dos heterónimos: Pessoa, Bernardo Soares, Ricardo Reis, Álvaro de Campos, Alberto Caeiro; não sendo títulos, são textos sugestivos das temáticas que vão ser abordadas em cada uma delas. [...] A cor vermelha é a cor estruturante. É com ela que se estabelece a entrada no miolo do livro propriamente dito, se introduzem os sete percursos, se destacam aspetos marcantes e se chega ao fim. [...]

No apêndice das **Notas e referências bibliográficas**, que já aludimos, desvendam-se os títulos e as autorias, referem-se as data e os locais de publicação dos textos, e, no caso de haver informação disponível, indicam-se também as primeiras publicações e edições. Para além do registo bibliográfico, há notas com informação complementar, visando esclarecer e aprofundar alguns aspetos e assuntos abordados nas páginas do livro.

Mas pelo caminho oferece-se atividades de transformação de poesia em textos em prosa e vice-versa. Ou propostas de desconstrução/construção de textos. Por exemplo, poemas compostos por várias passagens de poemas com a

mesma autoria ou de autorias diversas, originando amálgamas de sentido, ou gerando sentidos díspares. Ou estrofes aglutinadas que permitem evidenciar/reafirmar sentidos. Ou interseção de versos, ocasionando leituras complementares ou de reforço semântico. Há poemas com estrofes divididas, criando-se a hipótese de dois poemas em um (exemplo: poema da p.243), entre outras atividades que o leitor não deixará de descobrir.

Se se pretender classificar o livro, arrumá-lo num género definido ou numa categoria disponível, dir-se-á que ele não é uma biografia e também não é uma antologia, pelo menos, ortodoxa. Mas o livro não precisa de facha para ser livro, basta sê-lo. E eu quis que ele fosse assim como é.

O livro inscreve-se na arte da expressão estética intensa, da sugestão preconizada por Mallarmé, do confronto saudável com o leitor que é “obrigado” a implicar-se com os aspetos formais para chegar ao conteúdo, já que lhe cabe a ele validar o sentido ou os sentidos dos textos, que, às vezes, se mostram apenas sugeridos.

O livro confina-se à intenção do Modernismo em conciliar a literatura com as artes plásticas, pela participação partilhada de elementos de um campo e do outro. Essa conciliação está eivada de uma procura constante e de um experimentalismo fecundo, como um aceno constante à criatividade.

O livro pretende transportar para a atualidade essa matéria plástica das ideias e da estética, ou essa intencionalidade, como um testemunho de um tempo que abriu caminhos novos que não deixaram ainda de ser percorridos.

E desse ponto de vista o livro é, para mim, sobretudo, uma declaração de amor.

Fernando Hilário

Casa do Cerquido, 19 de fevereiro de 2016